

## METODOLOGIAS DECOLONIAIS PARA UM ENSINO DE TEATRO ANTIRRACISTA E ANTISSEXISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Diego da Silva Azevedo (PIC/CNPq/UEM), André Luís Rosa (Orientador),  
Fátima Santana Santos (Coorientadora), e-mail:ra107995@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e  
Arte/Maringá, PR.

### Artes/Teatro

**Palavras-chave:** ensino do teatro, metodologias decoloniais, Educação Infantil

### Resumo:

Nesta pesquisa buscou-se elencar, discutir e tensionar algumas metodologias decoloniais para o ensino de artes/teatro na Educação Infantil, visando desmontar e colapsar sistemas tradicionais de ensino que engendram e perpetuam uma padronização de raça e de sexo/gênero, acarretando e promovendo o apagamento das identidades e subjetividades dissidentes presentes na infância e nos corpos dos sujeitos/crianças. Partindo de uma escrita autoetnográfica e interseccional, os referenciais teóricos se entrelaçam com as minhas vivências em sala de aula com sujeitos/crianças<sup>1</sup> de 3 e 4 anos, como professor da Educação Infantil, no decorrer dos anos de 2020 e 2021. Deste modo, convoco uma atuação artístico-pedagógica decolonial para a construção de narrativas diversas e múltiplas de existências, e para que as subjetividades dos sujeitos/crianças presentes em sala rompam com o modelo eurocêntrico e patriarcal composto por uma política sexual, racial e de gênero que constrói, enaltece e faz a manutenção, desde a infância, em dominação e privilégios, de um corpo neoliberal, capitalista, cisgênero, heterocentrado e embranquecido.

### Introdução

- *Por que você está de brinco? Homem não usa esse tipo de roupa?!*

Essas interpelações sempre me fizeram questionar as representatividades no espaço escolar. Mas como tornar o espaço de aula e o currículo escolar um lugar que convide e dialogue com as subjetividades existentes na educação? Quais metodologias são possíveis para um ensino antirracista e antissexista de teatro nesta etapa escolar?

---

<sup>1</sup> Refiro-me às crianças desta forma, neste estudo, como estratégia linguística para enfatizar que a criança deve ser vista a partir e pelas suas múltiplas subjetividades, como pessoas asseguradas por direitos de ser, estar e existir no mundo de forma única, autônoma e plena.

Para isso, revisões bibliográficas e arquivos imagéticos foram solicitados para dialogar e apresentar possibilidades, caminhos e rastros de pedagogias e metodologias decoloniais, para um ensino de teatro que visa a emancipação dos sujeitos e suas subjetividades dissidentes, que escapam do modelo colonialista cisheterobranco<sup>2</sup> e detentor de capital.

Portanto, para essa pesquisa, é preciso localizar e destacar - ao falarmos de gêneros, racismo e homofobia - a interseccionalidade que me atravessa diariamente como homem, negro e gay. Para isso, utilizo da interseccionalidade como uma ferramenta de análise e escrita, pois através do reconhecimento dessas formas de opressão se torna possível adentrar as brechas e atritos entre as formas de poder e a subalternização dos corpos.

Megg Rayara Gomes de Oliveira, professora e pesquisadora brasileira, travesti e negra, em sua tese *O Diabo em Forma de Gente. (R)Existências de Gays Afeminados, Viados e Bichas Pretas na Educação* (2017), dialogando com Kimberlé Williams Crenshaw, pesquisadora estadunidense e estudiosa da teoria crítica da raça, concebe a interseccionalidade como:

Uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002, p. 177 apud OLIVEIRA, 2017, p.83).

Essas relações de poder são mais palpáveis quando se analisa e presencia a negligência e ausência de pessoas, saberes e aprendizagens que destoam do padrão hegemônico durante o processo da Educação Infantil, no qual em defesa de uma única infância para um único modelo de adulto, sujeitos/crianças não têm opiniões, vontades e desejos. E, assim, são enunciados e cravados marcadores normativos raciais, de gêneros e sexualidades que controlam e mantêm uma estrutura social.

De acordo com Guacira Lopes Louro, professora e pesquisadora brasileira, branca e cisgênera, em diálogo com Michel Foucault, em *Pedagogias da Sexualidade* (2000), considera:

decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões

<sup>2</sup> Estrutura sociopolítica onde a norma é pautada no sujeito cisgênero (pessoa na qual a identidade sexual se identifica com o sexo biológico); heterossexual (pessoa que tem relacionamentos sexuais e/ou afetivos com pessoas do sexo oposto); e branca (pessoa cuja a cor da pele e demais características físicas, etnia e raça se identifica e localiza no grupo de pessoas "brancas"). Essas estruturas naturalizam e escondem as assimetrias historicamente construídas, reforçando a supremacia de uma única identidade sobre as demais identidades de gênero, orientações sexuais e expressões de gênero, assim como a construção e estruturação do racismo.



Durante as aulas pude constatar que nas rodas de conversa traziam falas e expressões baseadas em um padrão hegemônico cisheterocentrado, onde tais ideias foram passíveis de mudanças durante a realização da atividade proposta. Após a confecção das roupas muitos e muitas afirmaram ter escolhido a feitura de determinada roupa por não terem a oportunidade de experimentar a mesma em casa, devido a seus pais ou responsáveis não permitirem e por acharem “errado”.

## Conclusões

Enfatizo e defendo, assim, uma Educação Infantil em que floresça relações dialógicas e dialéticas sobre as subjetividades de cada sujeito/criança presente em sala de aula. Muito mais do que a compreensão de nomenclaturas e conceitos, interessa-me uma pedagogia com caminhos metodológicos que acolham sujeitos/crianças e as suas indagações, e que compreendam não só a origem das hegemonias operantes na socialização dos corpos, mas que gerem possíveis pistas para uma desmontagem educacional e artística no contexto escolar.

## Agradecimentos

Agradeço aos/às professores/as que estiveram comigo durante o processo desta pesquisa. Em especial, ao Orientador André Luís Rosa e à Coorientadora Fátima Santana, pela disponibilidade e pelos apontamentos precisos e afetuosos. E para finalizar, aos meus amigos que, de forma totalmente presente e direta, se colocaram para me auxiliar e apoiar durante os momentos que tive a vontade de desistir.

## Referências

BRASIL. **Lei nº 11.645**, de março de 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm)  
Acesso em: 21 de abr. 2021.

BRASIL. **Lei Maria da Penha**. Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm). Acesso em: 21 de abr. 2021.

LOURO, Guacira. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.) **Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 4-24.

OLIVEIRA, M.R.G. de. **O Diabo Em Forma De Gente. (R)Existências De Gays Afeminados, Viados e Bichas Pretas na Educação**. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017.